

## **O Processo de Concepção e Produção do Livro-Reportagem “O Fim do Araguari: como matar um rio em três passos”<sup>1</sup>**

Andreza TEIXEIRA<sup>2</sup>

Isabel AUGUSTO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como propósito relatar o processo de elaboração do livro-reportagem “O fim do Araguari: como matar um rio em três passos”. O produto aborda as conseqüências socioambientais sofridas pelo Araguari, o maior rio genuinamente amapaense, devido aos impactos da ação humana. A proposta de produção envolveu processo de pesquisa para concepção do projeto gráfico e editorial e a prática da reportagem, e edição final do livro-reportagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro-Reportagem; Jornalismo Ambiental; Jornalismo Impresso; Sustentabilidade.

### **1 INTRODUÇÃO**

Com 142.043 quilômetros quadrados (IBGE, 2013), o Amapá é a menor unidade federativa em extensão da Amazônia brasileira e a segunda menos populosa do país, com 776.463 habitantes. O estado é ainda riquíssimo em recursos ambientais, abriga três diferentes ecossistemas em seu território: cerrado, manguezal e Floresta Amazônica.

Um de seus rios mais importantes é o Araguari, o maior rio genuinamente amapaense, que atravessa sete municípios, cuja população estimada é de mais de 500.000 habitantes. Entretanto, o Araguari está ameaçado por um processo de degradação talvez irreversível: está perdendo seu volume e suas águas estão se tornando salgadas.

Uma das conseqüências mais visíveis desse impacto ambiental é o fim da pororoca, fenômeno resultante do encontro das águas do rio com as do mar. Entretanto, nos últimos anos, enchentes e mortandade de peixes mostraram a gravidade da situação.

Diante deste quadro, o livro-reportagem “O Fim do Araguari: como matar um rio em três passos”, busca abordar em específico um problema ambiental do estado, a degradação sofrida pelo Araguari. A publicação poderá contribuir para o debate a respeito dos problemas ambientais do estado do Amapá, sobretudo a degradação sofrida pelo Rio

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-Reportagem

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, email: [dreza.carolina@gmail.com](mailto:dreza.carolina@gmail.com);

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação (UNESP). Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. email: [sardinhajor@yahoo.com.br](mailto:sardinhajor@yahoo.com.br).

Araguari nos últimos anos e seus impactos socioambientais, além propor o desenvolvimento do jornalismo ambiental no estado.

## **2 OBJETIVO**

- Analisar a importância do livro-reportagem como instrumento de aprofundamento e contextualização de um fato jornalístico, destacando seu objetivo e sua funcionalidade;
- Conhecer o processo de desenvolvimento de uma reportagem para produção de um livro;
- Investigar os processos que causaram a degradação do Rio Araguari;
- Colaborar para com o desenvolvimento do jornalismo ambiental no Amapá.

## **3 JUSTIFICATIVA**

“O Fim do Araguari: como matar um rio em três passos” é um produto do jornalismo especializado em meio ambiente, tendo como aliado à abordagem do jornalismo literário. A ideia de produzi-lo surgiu ainda em 2014 quando a acadêmica desenvolvia uma reportagem sobre os impactos ambientais sofridos pelo Araguari para um jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá.

Na época um dos assuntos mais abordados pela mídia amapaense era o fim da pororoca no Araguari, pois o rio estaria perdendo sua força, além disso, suas águas estariam se tornando salgadas. Durante o processo de reportagem para o jornal-laboratório, a aluna descobriu esses eram apenas algumas das consequências de um problema muito maior: a degradação do rio do Araguari.

Diante desse quadro, a acadêmica sentiu necessidade de realizar uma investigação mais ampla sobre o tema, por isso optou por abordá-lo em seu Trabalho de Conclusão de Curso, que começou a ser produzido no início de 2015.

A escolha possibilitou ainda que a acadêmica tivesse a oportunidade de abordar uma pauta de jornalismo ambiental, uma de suas áreas de interesse durante o curso de jornalismo. Para Bueno (2007), o jornalismo ambiental é, antes de tudo, jornalismo, portanto deve haver preocupação com o interesse público, com a democratização das informações e incentivo às discussões relacionadas ao tema.

Simplificadamente podemos conceituar o Jornalismo Ambiental como o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimento, saberes, resultado de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado. (BUENO, 2007, p. 35)

O meio escolhido para abordar o tema foi o livro-reportagem que, segundo Pena (2006), é uma saída para aqueles jornalistas que desejam se aprofundar em determinado tema, esmiuçar os detalhes, contar uma história, mas não tem oportunidade no dia-a-dia de uma redação.

Pode-se dizer que o livro-reportagem é um aprofundamento da reportagem, abordando em seu conteúdo as origens, implicações e desdobramentos de uma determinada situação, além de apresentar os personagens envolvidos nele, humanizando-os. Lima (2009) afirma que a grande-reportagem permite o aprofundamento extensivo e intensivo da narrativa.

O aprofundamento extensivo horizontal amplia quantitativamente a taxa de conhecimento do leitor sobre o tema, por meio de dados, números, informações e detalhes relacionados. O aprofundamento intensivo/vertical amplia qualitativamente esta taxa, apontando causas, conseqüências, efeitos, desdobramentos, repercussões e implicações do assunto reportado. (LIMA, 2009, p. 2)

O autor afirma ainda que a grande-reportagem permite ao jornalista utilizar todo seu potencial de construtor de narrativas da realidade, além de oferecer a possibilidade de abordar algo que lhe interessa com maior profundidade, uma vez que no dia-a-dia da imprensa cotidiana o profissional geralmente não encontra espaço para fazê-lo.

O espaço nos jornalísticos impressos e eletrônicos vale muito em relação àquilo que subsidia a informação social, que é o espaço publicitário. Valendo-se desse argumento, as empresas jornalísticas apertam ao máximo o espaço da informação social, afunilando-o. Daí a grande-reportagem, embora tendo grande possibilidade de êxito de audiência, está cada vez mais atrofiada num espaço que pretende ser o mais sintético possível, pendendo para a fórmula notícia. Que é econômica mais ao mesmo tempo superficial, não respondendo as necessidades mais profundas da informação social. (MEDINA apud LIMA, 2009, p. 33)

Em sua obra, devido à variedade, à linha temática e aos diferentes modelos de tratamento, Lima propõe uma classificação de livros-reportagem em diferentes grupos, sendo eles: livro-reportagem perfil, livro-reportagem depoimento, livro-reportagem retrato, livro-reportagem ciência, livro-reportagem ambiente, livro-reportagem história, livro-reportagem nova consciência, livro-reportagem instantâneo, livro-reportagem atualidade, livro-reportagem antologia, livro-reportagem denuncia e livro-reportagem viagem.

De acordo com Lima, um livro-reportagem pode ter diversas classificações, o produto em questão pode ser classificado como livro-reportagem ambiente, que visa

abordar interesses ambientalistas e causas ecológicas, onde se pode apresentar uma postura combativa, crítica ou simplesmente tratar de temas que auxiliam na conscientização da importância da harmonia das relações do homem com a natureza.

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O processo de produção *“O Fim do Araguari: como matar um rio em três passos”* teve início em janeiro de 2015, através de uma sondagem inicial sobre todos os aspectos envolvidos na degradação do Rio Araguari. Segundo Pereira Junior (2010), a sondagem é fundamental para que a pauta possa ser construída.

É a apuração preliminar, a exploração das fontes, documentos e publicações, numa pesquisa prévia à formulação da pauta. É uma base de informações para sustentar uma investigação, como saber qual a credibilidade das fontes que nos lançam a pista inicial. Ajuda a estabelecer a viabilidade da pauta – se não estaria propondo o impossível de ser apurado e se ela se justifica. (PEREIRA JÚNIOR, 2010, p. 78)

Corroborando Pereira Junior, Lage (2006) explica que a pesquisa é a base do bom jornalismo, entretanto destaca que é muito comum o repórter se deter em consultar apenas fontes primárias para obter informações, negligenciando as fontes das fontes, isto é, os documentos que deram origem às informações prestadas a público. O autor ressalta que muitas vezes este processo de investigação é dificultado por questões financeiras, logísticas e burocráticas, entretanto é fundamental para que o jornalista possa levar a seus leitores as informações mais verdadeiras e corretas possíveis.

Nesse período foi realizada ainda uma pesquisa bibliográfica através da consulta de publicações sobre livro-reportagem, jornalismo literário, meio ambiente, jornalismo ambiental, sustentabilidade, direito ambiental, geografia e história do Amapá.

Foram consultados livros impressos obtidos nas bibliotecas das seguintes instituições: Instituto de Pesquisas Científicas do Estado do Amapá (Iepa), Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Amapá (Sema) e Universidade Federal do Amapá (Unifap), outros foram empréstimos da orientadora do trabalho ou adquiridos com recursos próprios.

Após realizar este levantamento inicial e dessa forma obter informações, foi possível iniciar a produção do livro-reportagem que, segundo Lima (2009) envolve quatro etapas: pauta, captação, fruição do texto e edição.

Durante a elaboração da pauta, foram escolhidos analistas ambientais de órgãos do governo ligados ao meio ambiente como o Instituto Chico Mendes da Biodiversidade

(ICMbio), SEMA, Ministério Público do Meio Ambiente, Instituto de Meio Ambiente e Ordenamento Territorial do Amapá (Imap), além de pesquisadores da Unifap.

Optou-se ainda por ouvir pessoas que estão vivenciando a situação como moradores dos municípios atingidos, pescadores que atuam no rio e fazendeiros que criam búfalos na região e um guia turístico que trabalhava levando pessoas para conhecer a pororoca. Entretanto, durante a produção da reportagem, novas fontes foram indicadas, o que fez com que o número de pessoas entrevistadas crescesse consideravelmente.

Em maio de 2015, com a pauta concluída e aprovada pela orientadora, foi possível passar para a segunda fase da produção de um livro-reportagem: a captação de informações. Inicialmente, visitamos o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) onde houve uma entrevista com o pesquisador Paulo Roberto Russo, posteriormente visitamos a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, onde conversei com a engenheira agrônoma Ana Paula Montagner.

No mesmo mês, foram realizadas viagens às cidades de Ferreira Gomes e Porto Grande, onde a acadêmica entrevistou moradores. De volta à Macapá, foram entrevistados pesquisadores do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (IEPA), da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Durante essa etapa a acadêmica tentou entrevistar o secretário estadual de meio ambiente, mas não obteve êxito, porém conseguiu falar com Fernando Matias do Instituto de Meio Ambiente e Ordenamento Territorial do Amapá (IMAP), órgão vinculado à Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA) e, dessa forma, foi possível obter um posicionamento do Governo do Estado do Amapá.

Concluída a apuração, em setembro de 2015 foi possível dar início à decupagem das entrevistas e iniciar a narrativa. Nessa etapa, os materiais foram checados e alguns foram descartados, outros precisaram ser checados novamente. Posteriormente, teve início o processo de produção da grande-reportagem. Lima (2009) explica que existem quatro técnicas de redação: narração, descrição, exposição e diálogo.

Neste trabalho, optou-se por utilizar a técnica da exposição, que, segundo o autor, é empregada quando o autor quer discutir uma questão básica por meio da apresentação do fato e suas circunstâncias, com a análise das causas e efeitos.

Bueno (2007) afirma que nesta etapa o jornalista deve ter a consciência de que o leitor nem sempre está familiarizado com alguns dos termos utilizados por fontes de áreas específicas, por isso é necessário uma atenção maior neste processo de mediação.

O livro-reportagem em questão aborda sustentabilidade, meio ambiente e desenvolvimento regional e em muitos momentos são utilizadas expressões características desta área, por isso houve um esforço para que cada um destes conceitos fosse explicado de maneira clara através de textos ou de recursos complementares como o infográfico da página 36, detalhando como a situação pode ficar no futuro se nada for feito imediatamente para conter a situação.

Concluído o livro-reportagem, em fevereiro de 2016 iniciamos a edição da grande-reportagem, nesta etapa foram verificados problemas de compreensão como ruídos de comunicação, redundâncias, incoerências, imprecisões. Cuidamos da estrutura do livro, revisamos os capítulos, subtítulos e a divisão do livro. Cuidamos ainda das fotos, fontes, dos elementos gráficos e da diagramação do livro-reportagem. Para o corpo do texto escolhemos a fonte *Franklin Gothic Book* sem serifa para tornar a leitura mais agradável.

Por fim escolhemos o título, inicialmente havia três opções: “Araguari, um rio do passado”, “Araguari, um Rio Encantado” e “O Fim do Araguari”, as duas primeiras relacionadas à música *Tarumã*, composta pelo amapaense Joãozinho Gomes. Ao concluir a reportagem, chegamos a conclusão de que o a degradação do rio é uma situação grave e provavelmente inevitável, por isso optamos por utilizar a última opção de título. O subtítulo “Como matar um rio em três passos” foi escolhido durante o desenvolvimento da reportagem, quando foi possível visualizar com clareza que havia três fatores diretamente relacionados à degradação do rio: a mineração, a atividade hidrelétrica e a bubalinocultura.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O projeto gráfico e editorial do livro-reportagem intitulado “O Fim do Araguari: como matar um rio em três passos” foi definido durante encontros entre a acadêmica e a orientadora, ficando decidida a abordagem da sustentabilidade ambiental como tema central do produto. O formato escolhido foi o de 14x21cm e a impressão foi realizada em papel sulfite, por permitir uma leitura mais convencional.

O conceito da capa do livro-reportagem foi definido pela acadêmica, que optou por utilizar tons de verde e marrom, remetendo a cor das águas do Araguari e ao meio ambiente, uma preocupação constate durante o processo de elaboração, dessa maneira se obteve um resultado simples, mas esteticamente agradável. A fonte utilizada foi *Franklin Gothic Book*, sem serifas, para não prejudicar a imagem do fundo.

O livro-reportagem foi produzido em dez meses, incluindo as etapas de pesquisa bibliográfica, produção editorial e gráfica, captação de dados, apuração e edição. Além do

prefácio, ele é dividido em oito capítulos, que visam relatar a degradação ambiental do Araguari a partir do ponto de vista das pessoas afetadas pela situação, bem como o de pesquisadores, ambientalistas e dos órgãos do governo. Ao todo, são 39 páginas.

O primeiro capítulo, intitulado “Água, um recurso desperdiçado no Brasil” aborda o mau uso da água no país e a desigualdade de distribuição do recurso entre as regiões.

O segundo capítulo se chama “Amapá, um estado de paradoxos” e aborda o meio ambiente no estado. Seu objetivo é contextualizar o leitor, afinal, é necessário conhecer as políticas ambientais do estado em que o Araguari está localizado. O capítulo ainda aborda a falta de cuidados que o estado tem com seus recursos hídricos.

“Rio Araguari, um rio encantado” é o título do terceiro capítulo do livro-reportagem e apresenta o rio aos leitores, detalhando sua história e sua importância cultural e econômica para a população das cidades em que corre. Aqui o leitor é apresentado também aos problemas ambientais sofridos pelo rio.

O quarto capítulo, intitulado “A mineração e o alto Araguari” busca explicar como essa atividade econômica pode ter contribuído para com a degradação ambiental do Araguari.

“Hidrelétricas do Araguari” é o quinto capítulo do livro-reportagem, onde o leitor pode conhecer a visão de pesquisadores e estudiosos sobre os impactos que podem ter sido causados pelos três empreendimentos hidrelétricos instalados no Araguari entre os anos de 1973 e 2016. O capítulo traz a visão do pescador Carlos Pereira e da professora Marli Rodrigues, moradores de cidades banhadas pelo Araguari.

“Criação de Búfalos no Araguari”, título do sexto capítulo do livro-reportagem, aborda os impactos trazidos pela bubalinocultura, prática agropecuarista desenvolvida no baixo Araguari e que, de acordo com pesquisadores, tem causado graves impactos no solo do rio.

“Há uma solução?” é o título do penúltimo capítulo do livro e busca apresentar alternativas para recuperar o rio ou minimizar os impactos ambientais sofridos por ele.

O título do último capítulo, “Um rio do passado”, surgiu devido à constatação de que a degradação ambiental daquele local é praticamente inevitável e traz uma reflexão sobre o desenvolvimento econômico a qualquer custo.

O Livro traz em suas páginas fotografias produzidas pela acadêmica e por alguns colaboradores que lhe acompanharam durante a viagem aos municípios visitados, órgãos como ICMbio, Sema e Unifap contribuíram com imagens.



A produção do livro-reportagem **“O Fim do Araguari: como matar um rio três passos”** foi fundamental para que a acadêmica tivesse uma real noção de todo método pelo qual um livro-reportagem passa, desde sua concepção, diagramação, edição e concluindo com a impressão que, por sua vez, acaba não sendo o fim, pois o leitor é também parte do processo e é ele quem dará o retorno do conteúdo.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A decisão de utilizar um livro-reportagem para abordar a degradação ambiental sofrida pelo Araguari foi fundamental para que conseguíssemos atingir nossas metas, pois, falar sobre o Araguari é complexo e dificilmente outra mídia poderia oferecer a possibilidade de se aprofundar sobre um assunto a um custo relativamente baixo.

Quando iniciou o processo de pesquisa, a acadêmica acreditava que deveria trazer em seu livro-reportagem a resposta para a pergunta “o que causou a degradação ambiental do Araguari?”, o que seria um inviável, pois foi observado que há grandes divergências mesmo entre a comunidade científica. Mas, durante as orientações, optei por traçar um cenário dos fatores que podem ter relação com a atual situação do rio.

Ao viajar para as cidades banhadas pelo Araguari foi possível ter uma dimensão maior sobre os impactos causados pelo assoreamento e pela salinização do rio no cotidiano das pessoas que estão vivendo a situação o pescador que viu seu rendimento cair pela metade em seis anos ou a professora aposentada que teme perder sua casa.

Inicialmente a acadêmica imaginou que seria difícil entrevistar moradores de cidades pequenas, mas as pessoas demonstraram ter muito interesse em apresentar seu ponto de vista, seus medos e suas incertezas. Dessa forma, foi possível perceber a importância do papel do repórter para divulgar realidades em um local tão isolado quanto o interior do Amapá, especialmente em relação a grupos sociais que dificilmente teriam voz na imprensa tradicional.

Dentre as dificuldades sentidas pela acadêmica, é possível destacar o deslocamento às cidades banhadas pelo Araguari. Inicialmente a idéia era viajar até Serra do Navio para conhecer a nascente do rio, no entanto, a estrada que liga Macapá ao município não está em boas condições. Houve ainda intenção de visitar a foz do Araguari, no Arquipélago do Bailique, mas a viagem é longa e o custo é relativamente alto.

Ademais, a realização desse trabalho foi um grande desafio para a futura jornalista, uma vez que esse é o seu primeiro livro-reportagem e, apesar de ter lido obras do gênero,



houve dificuldades principalmente em relação ao processo de produção, nesse sentido, as orientações foram fundamentais para a concretização dos objetivos.

Houve ainda pautas que caíram, roteiros e perguntas improvisadas, gravadores com defeito e entrevistas que precisaram ser remarçadas, mas mesmo os erros nos ajudam a melhorar nosso método de trabalho e eles foram importantes porque essa experimentação se torna, na verdade, um momento de aprendizagem, pois há conhecimentos que somente a prática é capaz de possibilitar.

## **7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUENO, Wilson. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**. Rio de Janeiro: Record, 2014

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.

Pena, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2011

PEREIRA JUNIOR, Luiz Carlos. **Apuração da Notícia: método de investigação na imprensa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2010.